



PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

LEDA MARIA COZER ABREU

(entrevista)

Alagoinhas, BA

2019

GEEPRACOR-CEFIS-UNIVASF

ESEFID - UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-731

Entrevistada: Leda Maria Cozer Abreu

Nascimento: 16/04/1966

Local da entrevista: Alagoinhas - Bahia

Entrevistadora: Silvana Vilodre Goellner e Felipe Eduardo Ferreira Marta

Data da entrevista: 22/10/2019

Transcrição: Mariana Brum

Copidesque: Mariana Brum

Pesquisa: Mariana Brum e Silvana Vilodre Goellner

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 1 hora 34 minutos e 14 segundos

Páginas Digitadas: 28 páginas

Observações:

* Esse documento tem como base as orientações do “*Manual prático para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas*” versão de 2016, desenvolvido pelo GRECCO – Grupo de Estudos em história, Cultura e Esporte, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O GEEPRACOR realizou algumas alterações de formato.

O Projeto Garimpendo Memórias está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins de pesquisa acadêmica, extensão e ensino, esta entrevista de cunho documental e histórico. É permitida a citação, no todo ou em parte, desde que a fonte seja mencionada.

Como citar: ABREU, Leda Maria Cozer. Entrevista concedida por Leda Maria Cozer Abreu ao Projeto Garimpendo Memórias. Entrevistadores: Silvana Vilodre Goellner e Felipe Eduardo Ferreira Marta . UNIVASF, UFRGS, Alagoinhas (BA), 22 out. 2019, 31 p.

SUMÁRIO

Aproximação com o futebol; Apoio da família; trajetória no Clube de Regatas Vasco da Gama; Seleção Brasileira; Campeonato Sul-Americano de Uberlândia; Copa do Mundo de Futebol Feminino da Suécia; Jogos Olímpicos de Atlanta; Aposentadoria dos gramados; Carreira como comentarista; Formação em Educação Física.

Alagoinhas, 22 de outubro de 2019. Entrevista com Leda Maria Cozer Abreu a cargo dos pesquisadores Silvana Vilodre Goellner e Felipe Eduardo Ferreira Marta para o Projeto Garimpando Memórias.

S.G. – Leda, em primeiro lugar gostaria de agradecer tua gentileza em nos conceder essa entrevista. Tu és uma referência no nosso futebol. Assim, para iniciar, gostaria que você nos contasse como o futebol chegou na tua vida

L.A. - Era uma brincadeira de criança, uma menina com 5, 6 anos de idade. E eu comecei a descobrir isso através do futebol e as coisas foram tomando rumo até eu me profissionalizar. Que eu nunca imaginei que isso fosse acontecer na minha vida. A gente está ali brincando dentro de casa... E aí, quando eu vou ficando mais menina e aí já passo de dentro do meu quintal, da minha casa, eu vou jogar fora.

F.M. - Onde era essa casa? Tinha um espaço bacana?

L.A. Em Mesquita, um município do Rio de Janeiro e tinha uma garagem boa. Na época que eu comecei a jogar era um bairro de Nova Iguaçu. Depois emancipou. E aí você começa jogando dentro de casa e você já pula o muro, não é? Já pula o muro, você já vai jogar futebol na rua com a molecada.

S.G. - E na escola, você se envolveu com alguma outra prática esportiva? Aliás você jogava futebol na escola?

L.A. - Na escola eu não jogava futebol. Só jogava em casa. Mas eu tive contato com o handebol e com o vôlei. O futebol não era praticado nas escolas durante a minha vivência, a minha formação.

F.M. - Esse futebol de rua que você falou, era em campinho ou era a própria rua? Como é que era?

L.A. - Era em qualquer lugar. Eu, na verdade, tive contato com todos esses espaços que

você está falando. Por quê? A minha casa dá para os fundos de uma escola. E aí...

F.M. - Seus pais estão lá? A casa ainda existe?

L.A. - Ainda moram na mesma casa e eu desde um ano de idade. E essa escola já existia antes de eu ir morar nessa casa. É um conjunto habitacional muito antigo. E quando nós mudamos para lá eu era muito pequitinha ainda. E eu cresci com aquela escola ali nos fundos da minha casa. Quando eu saio de dentro do meu quintal para jogar futebol fora, um dos locais fechados que eu jogava era na quadra dessa escola que eu não estudei, porque ela era e continua sendo uma escola particular. Até o sétimo ano eu estudei em escola pública e quando eu fui fazer a oitava série, eu fui estudar nessa escola porque eu jogava futebol lá. E quando eu fui estudar lá, todos os professores já me conheciam, todo o bairro já me conhecia, todo mundo já me conhecia porque eu era menina que jogava futebol.

F.M. - Sempre no meio dos meninos?

L.A. - Sempre no meio dos meninos, eu jogava na rua, eu em frente à minha casa, ao lado da minha casa, eu fui jogar duas ruas depois da minha e foi quando eu conheci uma amiga, que também jogava futebol e começamos a jogar juntas no meio da molecada.

F.M. - Nesta época não existia aqueles jogos de rua contra rua?

L.A. - Não. Mas tinha a questão do escolher, para tirar o par ou ímpar e, na maioria das vezes, ficava ela de um lado e eu do outro, porque éramos as primeiras a ser escolhidas. Isso era muito legal, tipo, a gente já tinha essa habilidade, todo esse talento desde pequena e você leva isso pra sua vida inteira. Digo na questão esportiva mesmo, de prática...

S.G. - E teus pais, eles permitiam que você jogasse futebol. Existia algum limite? Como que era essa questão para eles?

L.A. - Meu limite era só estudar, eu tinha que estudar. Graças a Deus, até esse sétimo ano, até o oitavo, eu estudei em escola pública, nunca repeti ano. Minha mãe era minha apoiadora, ela ainda é viva. Ela não tinha uma escolaridade muito grande, e até um certo

tempo ela podia ajudar a gente com os deveres de casa e essas coisas todas. Mas depois já passou do nível de escolaridade dela e ela não podia mais fazer isso. Então a gente tinha que realmente se esforçar, para manter o nível e não ter que repetir. Mas ela só dizia isso, tem que estudar. Quando eu fui jogar mesmo, oficialmente, sempre me deram apoio. Ficavam preocupados com esses locais que eu ia jogar perto de casa, porque eu era muito pequena, por ser menina e estar no meio da molecada, ter gente de mais idade, essa questão de preocupação de mãe mesmo. E no final da minha rua, tinha um campo, campo de onze mesmo, hoje é um estádio do município onde eu moro, estádio do Mesquita, e é onde eu jogava futebol quando era pequena. Eu ia para lá jogar futebol e a minha mãe ficava extremamente preocupada. Mas tipo, quando eu saía do portão para fora, eu ia jogar minha pelada, meu futebol, e minha mãe não sabia onde que eu estava não, mas ficava preocupada.

F.M. - E não destoava muito esse seu comportamento em relação ao comportamento da sua irmã? Essa questão de brincar fora de casa?

L.A. - Minha irmã é mais velha que eu e já tinha brincadeiras diferentes. Minha irmã sempre foi muito independente, de querer logo cedo sair pra morar sozinha, tanto que ela fez isso com 18 ou 20 e poucos anos, foi morar sozinha. Eu sempre fui a mais cuidada pela mãe, minha mãe teve sempre mais preocupação comigo. Mas, minha mãe dava liberdade para a gente mas com responsabilidade, ela sempre passava essa responsabilidade para a gente. Então eu nunca desviei do caminho que eu tinha que trilhar, que era o que ela falava. Lá em casa, minha mãe e meu pai, sempre educaram a gente na conversa, no bate-papo, mostrando o que era certo e o que era errado, enfim, nunca precisei apanhar para aprender as coisas, meus pais nunca levantaram as mãos para a gente, principalmente para mim, que era a menina que descobriu o futebol muito cedo. O que a gente ouve de história contada pelas minhas amigas é completamente na contramão do que eu vivi. Desde pequena eu tive essa liberdade de brincar, mas nem meus pais, nem eu e nem ninguém imaginou que seria uma carreira na minha vida, isso é muito legal. Então tipo, é que eu não converso isso muito com minha mãe, mas eu posso até vir a perguntar a ela, porque essa questão dela dar essa liberdade para mim, fez com que eu chegasse aonde eu cheguei, e isso é muito legal.

F.M. - E parece que seu pai trabalhava muito. Ele não tinha essa possibilidade nesse momento?

L.A. - Até tinha, mas o que acontece? Meu pai faleceu quando eu estava com sete anos, começando a jogar futebol oficialmente.

F.M. - E seu pai fazia o quê?

L.A. - Meu pai era funcionário público aposentado, ele tinha um problema de coração, ele foi aposentado por invalidez. E depois ele era técnico em eletrônica, consertava equipamentos eletrônicos, televisão, rádio e essas coisas todas, para complementar o salário dele. E ele era tipo o meu fechamento e me apoiava nessa questão. Pelo contrário, minha mãe é que ficava preocupada, acho que por essa questão da maternidade. Ele sempre falava: “Deixa a menina brincar, é uma brincadeira de criança”. E minha irmã sempre gostou de boneca, disso e daquilo, coisas mais femininas, e eu sempre fui mais moleque.

S.G. - Leda, quando foi que o futebol deixou de ser uma brincadeira de rua e você passou a integrar uma equipe?

L.A. - Quando eu fui jogar nessa rua que eu falei anteriormente, duas ruas depois da minha casa, eu comecei a jogar com essa minha amiga, ela tinha uma irmã que tinha um conhecido que tinha um time de futebol feminino. E aí ela falou para ele que a irmã dela e mais amiga jogavam futebol. Eu tinha uns 13, 14 anos de idade.

S.G. - A gente está falando de meados da década de 1970, não é? Em que ano você nasceu, Ledinha?

L.A. - Eu nasci em 1966. E lá por 1980, 1981 é que a irmã dessa amiga falou de um time de futsal.

S.G. - Você lembra o nome do time?

L.A. - Lembro, claro, era Radar. E o pessoal fazia confusão com Radar¹, que era de campo, que na verdade, não era nem de campo ainda. Era de praia, mas não tinha nada a ver. Tanto que o nosso uniforme era vermelho e preto porque o nosso treinador era flamenguista doente. E aí fomos, eu e ela, jogar nesse time e o time perdia muito, não tinha muita qualidade...

F.M. - Ele já existia fazia muito tempo?

S.G. - Eu não sei te precisar isso. Mas foi aí que eu comecei, foi meu primeiro contato com o futsal e depois veio o futebol de campo.

F.M. - Só queria perguntar uma coisa em relação a esse começo. As pessoas que formavam esses times, tinham muito mais interesse nas próprias meninas do que o interesse no futebol em si. No caso desse time, a lógica era jogar futebol mesmo? Esse tipo de situação nunca ocorreu?

L.A. - Graças a Deus, nunca passei por isso. Questão de assédio sexual de treinador, que a gente vê isso até hoje, de assédio moral... Eu não vivi isso, mas eu sei de muitas meninas que sofreram com isso. Nós éramos uma família, porque ele era o treinador e a esposa dele junto e tinha um auxiliar técnico, que era preparador físico, era massagista, era tudo que também ia com a namorada. Enfim, nós fizemos uma família. Então eu saí da minha família, de dentro da minha casa, para jogar o futebol nesse time, que realmente ele chamava de família. Nós constituímos uma família. E eu penso que esse início teve muita importância na minha vida. Porque se eu tivesse ido, se eu tivesse um treinador que fosse desse perfil que você está falando, provavelmente eu não teria seguido. Alguma coisa teria me impedido de chegar onde cheguei porque você é nova, tem catorze anos, quinze anos, se você vai e se depara com uma situação dessa... Primeiro que minha mãe não ia, de maneira alguma, admitir isso. E minha mãe começou a me acompanhar nos jogos e na época não era, digamos assim, uma liga de futsal. Não era um campeonato federado, isso não existia, porque na época da proibição eu nem sabia que isso existia na vida. Proibição de futebol eu nem sabia. E a questão da repressão, de eu jogar bola e alguém da autoridade

¹ Esporte Clube Radar.

ver que eu estava jogando futebol, chegar e me impedir que eu praticasse o futebol, isso eu nunca sofri também. Então eu vim saber, depois de já crescida, depois de ter jogado a vida inteira que foi proibido e que eu joguei dentro da proibição. Isso é muito legal.

F.M. - Isso nunca foi uma questão? Jogavam simplesmente?

L.A. - Jogava e era isso.

F.M. - Tinham muitos times na época?

S.G. - Tinha, sim. Vários. Eu me vi naquilo, porque eu vivi aquilo. No subúrbio do Rio de Janeiro, eu joguei em tudo quanto foi lugar, e cada um deles tinha um time de futsal. Eram tipo, dezesseis equipes, quatorze equipes, muita gente jogando.

S.G. - Você lembra quanto tempo jogou neste primeiro time de futsal. O Radar?

L.A. - Eu fiquei de 1981 até 1986, por aí 1985, 1986. Foram uns cinco anos jogando lá. E depois o que aconteceu? Quando a gente começou nessa equipe, era uma questão muito amadora, aquela coisa de família. E aí começam a surgir outras equipes mais fortes. Até então era a minha equipe e mais uma que sempre disputava os títulos. Seja que torneio fosse, seja que campeonato fosse. E a gente sempre rivalizando.

S.G. - Qual era o nome da outra equipe, você lembra?

L.A. - Era a Social Ramos Clube, era a Piedade, era a Grajaú, porque tem os clubes que denominavam os bairros. E esse time que eu jogava, a gente não tinha uma sede, a gente não tinha um local próprio para jogar. O seu Nelson² montou um time para a gente brincar e se divertir e quando isso começa a acontecer, os times já começam a treinar, já começam a melhorar o nível deles, e meu time já foi se distanciando disso. E aí falei para ele: “Seu Nelson, a gente tem que treinar, a gente está perdendo”. E desde nova, essa questão da competitividade já estava ali dentro de mim. E ele: “Mas a gente só se une para jogar os domingos nesses campeonatos, nesses torneios”. Até então, só o talento, só a questão de

você ser jovem que, corria, corria, corria, fazia, enfim. E aí começou a entrar essa questão do treinamento e a gente foi se distanciando, foi começando a perder e eu falava que era preciso treinar. Chegou em um momento que ele terminou a equipe por conta disso. Já vinha outras meninas para jogar com a gente e, e sempre quando eu joguei lá, ele dava a passagem e tinha um lanche. Então, eu sou muito privilegiada de ter começado com essa questão assim, porque muita gente tirou o dinheiro do bolso para fazer tudo. Ele é que bancava o time, ele montou o time e bancava o time e tinha esse rapaz que ajudava ele. Mas o time foi se distanciando nessa questão de competitividade, e teve uma hora que ele acabou. E depois mudou, mudou de nome. Foi para Atlantic³, que era uma coisa lá de petróleo, e aí a gente começou a treinar uma vez por semana, mas mesmo assim não deu para manter o nível...

F.M. - E nessa época já tinha dinheiro de patrocínio?

L.A. - Aí começou a entrar um dinheirinho a mais e ele já não precisava tirar do bolso dele. E quando mudou de nome, o nível foi aumentando, ele precisava trazer outras jogadoras, mas chega uma hora que não dá mais, a pessoa também já foi ficando mais de idade. Assim terminou o time.

S.G. - Com esse término, para onde você foi?

L.A. - Eu fui jogar no Vasco⁴. Resumindo são dois momentos de Vasco diferentes na minha vida. Esse primeiro, que vai de 1988, acho que 88 a 92. Era outra comissão técnica, era outro treinador, outras jogadoras, e depois, em 1992, eu fui jogar futsal no Vasco que, na verdade, foi a minha carreira mais vitoriosa, foi o clube que me projetou para a Seleção Brasileira. O futebol de campo entrou na minha vida em 1983, comecei no futsal em 81 e no futebol de campo em 83. Sempre jogando os dois. Sábado eu jogava futebol de campo, campeonato, e aí domingo eu jogava esses campeonatos de futsal.

S.G. - Era no mesmo clube?

² Nome sujeito a confirmação.

³ Nome sujeito a confirmação.

⁴ Clube de Ragatas Vasco da Gama.

L.A. - Não, era diferente. No futsal eu jogava por esse Radar, e no futebol de campo, pelo América Futebol Clube. Foi o meu primeiro clube, vamos dizer, profissional.

F.M. - Nesse momento você já saía do Rio de Janeiro para jogar ou os campeonatos eram localizados na cidade e arredores?

L.A. - Só no Rio de Janeiro. Eu passei a sair quando comecei a jogar no Vasco, que a gente começou já a disputar os chamados campeonatos brasileiros, que eram chamados de Taça Brasil. Foi em 1987 o primeiro que eu disputei. Não lembro se foi em Brasília, eu sei que nós fomos, eu fui como Vasco da Gama. Eu disputei o primeiro campeonato carioca oficial, eu disputei o primeiro brasileiro e também a primeira Paulistana, que foi em 1997.

S.G. - Você participou da Paulistana? Não acredito. Por qual time?

L.A. - Pela Portuguesa⁵. Então, tem essa nas minhas costas.

S.G. - E você lembra da polêmica que esteve envolvida nessa Paulistana em função de algumas regras que a Federação colocou como, por exemplo, limite de idade ou que as jogadoras tinham que ter boa aparência, tipo, não usar cabelo curto. Você jogava com cabelo bem curto, não é?

L.A. - Na Paulistana eu estava careca, e ainda por cima estava loira porque pintei o cabelo todo de louro, minha cabeça estava branca.

S.G. - Eu lembro que Sissi⁶ que também usava o cabelo muito curtinho, praticamente careca...

L.A. - Me confundiam muito com ela por conta disso. O que nos diferenciava era o número da camisa, que eu jogava com a 5 e ela com a 10.

⁵ Associação Portuguesa de Desportos.

⁶ Sisleide Lima do Amor.

F.M. - Leda, tem uma especialização entre as modalidades. O futsal tem uma forma de jogar, posições diferentes de campo. Como é que foi esse processo de descoberta da sua posição nos dois esportes? E se você transitou por outras posições?

L.A. - Vamos lá. No futsal eu comecei jogando como fixa, ou melhor, acho que eu comecei jogando de ala, se não me engano. Eu jogava de ala, porque antigamente os sistemas táticos eram muito fixos. Você não tinha muito esse rodízio, isso veio a acontecer mais para frente. E eu era ala, junto com essa minha amiga, que veio lá da rua comigo, tinha uma pivô, que desandava a fazer gol em tudo quanto era campeonato. Ela era artilheira, e tinha uma que jogava de fixa e me chutava muito. Bola vinha lá e ela dava cada bicão... Enfim, comecei a jogar de ala. Mas no futsal eu só não joguei de pivô, nunca foi minha característica jogar de pivô. Até o fim da minha vida. E aí depois eu me descobri como fixa. Eu acho que sempre foi uma característica minha de ter uma visão ampla. A visão periférica do jogo. Eu acho que eu sempre tive muito isso, eu conseguia ler o jogo. Você tá dentro do jogo e você conseguir perceber as jogadas, enfim, eu sempre tive essa facilidade. E para fazer a transição para o campo, eu comecei como meia direita porque eu era muito veloz, eu conseguia ir e voltar. Era novinha também, dezesseis, dezessete anos e tinha muita facilidade. E aí os anos vão passando e eu não lembro como eu me descobri volante. Mas é o treinador, talvez tenha sido o Robson⁷, que era o treinador nesse primeiro Vasco que eu joguei. Eu também jogava nesse Vasco de futsal, nesse primeiro Vasco. Eu joguei futsal e futebol de campo porque quando a gente começou os campeonatos brasileiros, você levava o time e podia jogar futsal e futebol de campo. E aí o Robson, que foi treinador do Bangu⁸, foi ser meu treinador no Vasco e ele percebeu que eu tinha característica de marcação, mas que eu também poderia sair para o jogo. E foi quando eu me descobri ou ele me descobriu, volante.

S.G. - Eu não entendi muito bem porque você fala em primeiro Vasco e segundo Vasco. Podes detalhar um pouco? Era a mesma equipe mas com comissões técnicas diferentes?

L.A. - Isso, mas todas jogávamos com a camisa oficial do Vasco.

⁷ Nome sujeito a confirmação.

⁸ Bangu Atlético Clube.

F.M. - Mas essa demarcação se relaciona com um momento de desenvolvimento do futebol feminino? Esse primeiro Vasco, tinha uma característica menos séria e o outro já com outra estrutura?

L.A. - Não, não... É porque o pessoal que montou o segundo, essa segunda comissão do Vasco era o pessoal que jogou no Radar, que jogou no Federal⁹, que jogou futebol de praia, eram mulheres era a Helena Pacheco, a sua comissão. E essas pessoas que formaram esse segundo Vasco, que foi no que eu joguei mais na minha vida, jogavam contra mim esse futsal que eu comecei a jogar. Então a gente sempre se conheceu ali, de jogar contra. E aí mais para frente elas pararam de jogar e foram montar uma equipe. E eu ainda estava jogando em outras equipes e jogava contra elas e chegou um momento que eu fui para esse time.

S.G. - E você ficou nesse Vasco até quando?

L.A. - Eu fiquei até 2000.

Silvana: O que aconteceu?

L.A. - Eurico Miranda¹⁰. E olha que a gente cobra hoje em dia dentro dos times femininos de ter uma comissão técnica feminina, de ter um departamento feminino, eu vivi isso. Era uma raridade na época.

F.M. - Mas o Eurico Miranda não tinha tanto poder nesse momento no Vasco?

L.A. - Pelo contrário. Ele era o mandante e nessa época ele não era o presidente, que era o Calçada¹¹, mas era ele que mandava, ele sempre mandou no Vasco.

F.M. - Em relação ao futebol feminino ele não atrapalhava?

⁹ Clube Federal.

¹⁰ Eurico Ângelo de Oliveira Miranda.

¹¹ Antônio Soares Calçada.

L.A. - Pelo contrário. Toda a estrutura que a gente precisava, ele dava. Toda a estrutura. Nós tínhamos lá o seu Germano, que é sócio acho que o benemérito do clube. Ele tinha muito contato dentro do Vasco e ajudou muito a gente. Muito, mas muito, muito, muito. E eu penso que foi através dele que a gente ficou mais próxima do Eurico. A gente jogava, a gente treinava dentro do Vasco, a gente usava academia, usava piscina, usava as instalações todas do estádio, a gente tinha um vestiário próprio, a gente tinha uma sala própria. Isso é muito legal. Isso dá uma confiança na hora para a gente jogar. Era por isso que todas as vezes que a gente saía para disputar os campeonatos, a gente sempre ganhava, ficava em segundo, sempre chegava, porque a gente treinava num nível mais alto que todo mundo. E a gente recebia um pouquinho, no começo era pouquinho, mas um pouquinho que ajudava.

F.M. - Interessante que esse Eurico Miranda que você está falando, contrasta muito com o Eurico Miranda do folclore. O deputado, o presidente do Vasco que o pessoal falava de casos de corrupção...

L.A. - Mas ele era exatamente isso aí. O cara era prepotente, ele te olhava assim com o nariz em pé, mas ele conhecia cada uma de nós. Ele morava dentro do Vasco, ele ficava lá na cabine dele, assistindo o jogo, tivesse público ou não. Ele conhecia cada uma de nós. Quando a gente foi disputar a Paulistana, eu era do Vasco, eu recebi um convite da Portuguesa, porque nessa época a gente tinha vindo do Mundial¹² e das Olimpíadas¹³, e eles organizaram o campeonato, a Paulistana. Eles fizeram um ranqueamento e colocaram três jogadoras em cada clube, três jogadoras acima de vinte e três anos. E de seleção brasileira, então, as equipes ficaram bem equilibradas. Eu recebi esse convite, saí do Rio de Janeiro e fui jogar na Portuguesa. E no primeiro jogo eu não joguei porque ele não me liberou. Ele era cascudo, mas em termos de estrutura, de apoio, ele sempre nos deu.

F.M. - Parece que tem uma diferença aí, ele não necessariamente gostava do futebol feminino. Ele gostava do Vasco em primeiro lugar.

¹² Copa do Mundo da Suécia, realizada em 1995.

¹³ Jogos Olímpicos de Atlanta, realizados em 1996.

L.A. - Exato! A a gente pode falar o que for, mas ele, enquanto presidente, mandatário, ele mandava no Vasco e tinha o Vasco como se fosse uma coisa pessoal. Ele fazia de tudo, ele praticava corrupção, era marrento, mas queria que o Vasco fosse forte, que o Vasco vencesse. Então essa questão de dar o apoio era para a camisa dele que estava jogando. Dava o apoio, mas queria o resultado. E graças a Deus a gente tinha, a gente dava essa resposta para ele dentro do campo.

S.G. - Isso que eu ia te perguntar, no Vasco desse tempo, você ganhou vários títulos. Lembras deles?

L.A. - Sim, o primeiro título importante que eu ganhei com o Vasco, foi nesse ano de 1992, quando eu fui para lá, primeiro era só no futsal. E no primeiro campeonato que eu disputei nós fomos campeãs em cima do Euroesport, que era um time fortíssimo, que tinha a Sissi, a Roseli¹⁴, a Nalvinha e a Formiga¹⁵ muito nova, acho que com treze, quatorze anos. E aí nós ganhamos no primeiro campeonato brasileiro em 1992 de futsal. E em 1993 já começou o campo, então eu fui pelo Vasco, eu fui campeã brasileira de futsal em 1992, e depois fui tricampeã de futebol de campo. Foram quatro títulos brasileiros agora. Título estadual, todos os anos que eu disputei pelo Vasco, eu ganhei. Só o último que não, nós perdemos e foi quando o time acabou, em 2000. Então o Vasco, essa segunda fase do Vasco, com essa comissão técnica, com esse apoio total do Eurico, foi de 1992 até 2000.

S.G. - E do Vasco para a seleção brasileira, como a sua convocação?

L.A. - Eu fui em desses campeonatos brasileiros porque antigamente quando se falava em seleção brasileira, você não tinha um período de preparação ideal. Então, tipo, o Mundial ia ser no meio do ano e tinha um campeonato brasileiro que acontecia em abril ou maio, e o treinador ia lá assistir esse campeonato e montava a seleção brasileira um mês, dois meses depois dessa competição. E foi num desses que eu fui convocada. O Dema¹⁶, que era o treinador, me viu disputar um campeonato brasileiro em Osasco¹⁷ e a gente chegou na final

¹⁴ Roseli de Belo.

¹⁵ Miraildes Maciel Mota.

¹⁶ Ademar Fonseca Nogueira Júnior.

¹⁷ Município de São Paulo.

contra o Saad¹⁸, que era uma das potências nessa época, isso em 1993. Nosso time perdeu, não fomos campeões, ficamos em segundo. E quando o Dema me viu jogando, ele falou: “Caramba, eu quero ela”. Depois ele falou isso pra mim: “A primeira vez que eu te vi jogando não tive como te convocar”. O que acontece? O Romeu¹⁹, que era do Saad, ele puxava muito a brasa para o time dele. Então, tipo, fulana, ciclana, beltrana, todo mundo joga muito. Então, nesse campeonato, já tinha um treinador que tinha autonomia para selecionar as jogadoras em vez de fazer a convocação. E ele também não tinha como fugir muito. Era Vasco e Saad na época. Então, éramos a base da seleção brasileira, a base da seleção brasileira que foi no Sul-Americano e, depois, o Mundial.

S.G. - Você está se referindo ao Mundial da Suécia de 1995 porque o Sul-Americano que antecedeu foi em Uberlândia, neste mesmo ano, certo?

L.A. - Isso, minha primeira convocação foi em 1994. Esse campeonato foi em 1993 e já em 1994 começam a montar esta seleção.

F.M. - Foi a tua primeira experiência internacional?

L.A. - A minha sim, porque as meninas que jogaram comigo no Vasco, eram do Radar e desde muito novas, já viajavam, já saíam do país. Eu sempre fui rival do Radar, sempre joguei contra o Radar. O Eurico²⁰, todo ano, me chamava pra jogar no time dele. Eu dizia que não ia. Tinham questões nele que me incomodavam. Eu sabia que era uma prática dele. Eu não queria sofrer aquilo, eu não queria aquilo para mim. Desde muito nova, eu sempre tive, graças a Deus, uma cabeça centrada. Penso muito pela educação que meus pais me deram. Então, eu nunca quis jogar com o Eurico. Ele me convocou para a seleção de 1991 e eu não fui para a China. Imagina, eu tinha vinte e cinco, vinte e seis anos, era nova ainda, mas eu também trabalhava nessa época. Ele me convocou e eu fui na Casa do Marinheiro, o centro em que treinávamos.. Aí, eu olhei aquela mulherada toda e falei: “Gente do céu, isso aqui não é para mim”. Eu pedi dispensa porque tinha que optar: ou eu vou para o Mundial ou quando eu volto, eu estou desempregada. Eu já tinha me formado no Ensino Médio, me formei com dezoito anos. Ou eu ia viajar para jogar bola,

¹⁸ Saad Esporte Clube.

¹⁹ Romeu Carvalho de Castro.

que até então, não era profissional na minha vida... Nessa época eu recebia uma ajuda de custo, uma merrequinha e tal. Ele passou a ser profissional na minha vida de fato, depois da seleção brasileira. De 1994 para 2000, foi quando eu vivi única e exclusivamente do futebol. Até então, eu trabalhava e jogava futebol. Ganhava um dinheirinho? Sim, ganhava. Mas não era o que me sustentava.

S.G. - Você trabalhava com o que nessa época?

L.A. - Com um monte de coisa. Trabalhei em confecção, fui estagiária da Caixa Econômica Federal, trabalhei numa serigrafia, auxiliar de serigrafia, tinha que me virar.

S.G. - Leda, como foi a preparação para o Mundial? O que você lembra desse período?

L.A. - Em 1994, a gente disputou o Sul-Americano e nós ficamos dois meses concentradas. O que acontecia? Como a CBF²¹ nunca deu muito apoio para gente, a gente era obrigada, através do Romeu, que era o coordenador, que gerenciava a Seleção Brasileira, a fazer as parcerias com as prefeituras para ceder alguma estrutura. Algo como: “A Seleção Brasileira pode ficar aqui na tua cidade?” Tipo, eu me lembro de Monte Alegre do Sul. Lá no sul de São Paulo, quase divisa com o Paraná. A gente ficava nessas cidades em troca de alojamento, a gente ficava peregrinando, realmente. Aí ficava numa cidade uma semana, ficava em outra cidade mais uma semana, até que nós fomos para Paraíba do Sul²², no final de 94. E passamos lá, se não me engano, um mês. E fizemos todos os testes físicos, a preparação física, fizemos alguns amistosos, pra disputar o Sul-Americano, foi em janeiro, se não me engano. O Natal não passamos juntas, concentrados, nós tivemos uma semana de folga, mas o Ano Novo nós passamos todas juntas. Então tipo, para um Sul-Americano, nós tivemos, digamos, dois meses de preparação e demos conta do recado. Fomos campeãs, mas em um nível completamente diferente de um Mundial.

S.G. - E como foi a experiência do Mundial? A viagem, chegar na Suécia, encarar times com tradição já naquela época, com estrutura?

²⁰ Eurico Lyra Filho.

²¹ Confederação Brasileira de Futebol.

²² Município do Rio de Janeiro.

L.A. - Nós fizemos uma preparação aqui no Brasil e já pegamos um pouquinho dessa base dos dois meses que nós tivemos de preparação física. Isso ajudou um pouco, óbvio. O que acontece? A nossa geração foi uma geração que só jogou bola, nós não tivemos muito treinamento de base, então, quando você vai jogar com equipes mais fortes, que foi o que aconteceu na Suécia, a gente via ali a diferença física no vigor físico. E foi o que faltou um pouco para a gente pois mesmo tendo feito a preparação... O nosso treinador era o Dema, um cara que já vivenciava o futebol feminino e ele trouxe o professor Wagner Bertelli e o professor Ricardo Rosa que em 1995 estava recém-formado. E nós tivemos uma preparação adequada para nós, para o Brasil. Mas a gente viu que não era o suficiente para bater de frente com os times que nós jogamos, com as seleções que nós jogamos. A gente já sabia que uma pedreira, que seria muito difícil ter sucesso no Mundial, que nessa época o Brasil era um patinho feio, não era uma potência. A partir daí o Brasil passou a ser respeitado, a partir de 1996. Até esse Mundial que eu fui, o Brasil perdia de 5, perdia de 6, perdia de 4, você ia para participar do Mundial, você não tinha perspectiva de nem passar da primeira fase que foi o que aconteceu, tanto em 1991 quanto em 1995, e foi a questão física mesmo. Em 95 jogamos com as europeias, o primeiro jogo com a Suécia e o último contra a Alemanha e a gente passeava no campo, mortas, o time morto, morto, morto. Você queria corre, mas não tinha aquele vigor físico, não tinha preparação física ideal pra isso.

Silvana: E mesmo assim vocês ganharam da Suécia, na casa delas, pelo placar da 1 a 0.

L.A. - É, foi o jogo da nossa vida! Eu não sei que santo que baixou na gente, mas conseguimos um gol, e a gente trancou de tudo quanto foi maneira. A Meg²³, nossa goleira, saiu com o dedo quebrado. E tudo que a gente teve de preparação para o Mundial, ficou ali dentro do campo naquele primeiro jogo, principalmente a questão emocional. O estádio estava cheio, era dia da independência da Suécia, era um dia de um feriado, se não me engano era isso, na Suécia o estádio estava lotado. A gente tinha um ataque poderosíssimo e uma defesa até certo ponto segura e conseguimos vencer aquele jogo.

F.M. - Essa foi a sua primeira viagem internacional?

²³ Margarete Maria Pioresan.

L.A. - Não, antes nós fizemos alguns amistosos nos Estados Unidos, fomos duas vezes. Mas, tipo, essa preparação era muito pontual, tipo assim, duas semanas antes dos jogos, juntava todo mundo, fazia um treinamento e ia jogar lá fora. É um pouco diferente do que a gente
vê
hoje.

F.M. - Mas a questão que eu queria fazer é o seguinte: percebendo a sua trajetória, a gente repara que você era uma vida estável, uma casa bacana, tinha acesso às coisas. No entanto, quando você vai para fora do país, tem um choque de cultura que é uma outra realidade. Como que foi para você, essa questão, isso te chamou a atenção? E para suas colegas de time, que tinham uma condição de vida muito mais difícil, isso de alguma forma despertava em vocês a percepção dessa diferença?

L.A. - Como eu te falei, eu fui sair do Brasil a primeira vez quando eu fui jogar com a seleção brasileira. E essas meninas, quando eu cheguei na Seleção já era a base de 1991. Então com o Radar elas já tinham essa coisa de ir para fora, já tinham essa experiência. Mas eu tinha contato com elas, por quê? Porque eu jogava no Vasco e a gente tinha muito contato nesses campeonatos. Então, para elas isso era normal, viajar para fora. Agora, a primeira vez que eu fui, tem essa questão, né? Primeiro que eu tinha um sonho de viajar de avião, viajar para fora, e eu consegui realizar esse sonho jogando futebol. E é uma coisa mágica, você se vê naquilo, você olha pra trás e pensa: em que melhor sonho na minha vida eu ia ter isso para mim? Porque se não fosse futebol, eu não conheceria metade dos lugares que eu conheci, não viajaria para a metade dos lugares que eu conheci. Então, isso aí foi muito legal. E a questão da cultura, de você ter contato direto com isso que você lê nos livros, que você estuda, é muito gratificante.

F.M. - Você chegou a ter contato com alguma jogadora, que tinha muita dificuldade de sobrevivência mesmo?

L.A. - Sim, sim. As minhas amigas e minhas colegas que jogaram no Radar. Porque muitas delas eram de família humilde mesmo, que tinham três, quatro, cinco, dez irmãos, oito irmãos. Então, esse pouquinho de grana que elas ganhavam, elas tinham que levar para dentro de casa pra ajudar no sustento. Porque o Radar é um time que foi o primeiro time

profissional do Brasil, e desde sempre o Eurico tinha uma condição boa, ele sempre teve bons patrocínios, era um cara muito bem articulado. Então ele sempre pagou as jogadoras dele. Essas minhas amigas, que foram à base da Seleção Brasileira de 91, e eu vim jogar com algumas no Vasco, elas sempre ganhavam alguma coisa, alguma ajuda de custo maior do que eu. Então, realmente, elas tinham essa necessidade de jogar futebol pra sobreviver. E até eu chegar à Seleção Brasileira, isso para mim não era o meu sustento. Como você perguntou, eu tinha uma condição, graças a Deus, boa dentro de casa, éramos quatro pessoas, tínhamos casa própria e eu não tinha essa obrigatoriedade de ter que levar dinheiro pra dentro da minha casa. Depois da seleção, o que eu ganhava era meu. Eu nunca tive essa obrigação, essa responsabilidade de ter que ajudar nas coisas de dentro de casa, isso é legal, mas são poucas pessoas que vivenciaram isso, as que tiveram essa condição. A maioria delas tinha que levar dinheiro para dentro de casa pra ajudar nas despesas.

S.G. - Ledinha, e os Jogos Olímpicos? Conta um pouco sobre esse episódio.

L.A. - É a frustração da minha vida, infelizmente. A história é triste para se contar. Foi quando a gente conquistou a vaga em 1995 e eu fiz parte dessa preparação inteira, toda. Foram seis meses de treinamento, em viagens, em concentrações e naquela peregrinação que eu já falei, entre cidades. Foram poucos momentos que a gente utilizou a Granja Comary. Já na época das Olimpíadas, a gente ficou um período legal lá dentro e tem uma estrutura fantástica. Era o que a gente precisava para desenvolver um treinamento adequado e eles começaram exatamente lá. Esses testes que eu falei, que a gente começou a fazer lá em Paraíba do Sul, para o Sul-Americano de 95, nós fizemos na Granja. Foi a base que a gente teve para chegar nas Olimpíadas e quase beliscar uma medalha. Então, eu fiz parte desse período todo de treinamento. E quando, há um mês da gente ir pra Atlanta, nós fomos para os Estados Unidos, ficamos concentradas lá. Éramos 19 atletas sendo que, como era a primeira vez que o futebol feminino participava de uma Olimpíada, eles limitaram a quantidade de atletas a 16. Enquanto o masculino foi com 18, o feminino foi com 16. E éramos 19 e eu fui cortada. Eu fiquei como suplente. Eu, a Nildinha²⁴ e a Maravilha²⁵ voltamos. Na verdade, não éramos nem para ter voltado para o Brasil porque, se ficamos como suplente, se acontecesse alguma coisa, alguma contusão, você já estaria

²⁴ Nilda Ismael do Nascimento.

²⁵ Marlisa Wahlbrink.

ali para fazer já a substituição. Já que o teu nome está inscrito, porém, você não vai disputar a competição.

F.M. - Mas essa determinação de retorno foi do COB²⁶ ou foi da CBF?

L.A. - Foi da CBF. Poderíamos ter ficado lá, mas a CBF não permitiu.

F.M. - Não quis bancar? Tinha alguma coisa?

L.A. - Na verdade, eu não sei te dizer. Acredito que não, porque ficamos na Vila Olímpica. Eu fiquei nos Estados Unidos um mês inteiro, fazendo a preparação toda e uma semana antes de começar as Olimpíadas eles me desligaram. Na verdade, eu já sabia que seria cortada. É uma coisa que você sente, você percebe por quê. O treinador, Zé Duarte²⁷, ele já não estava 100% de saúde, já tinha os problemas dele. Eu não tinha muita oportunidade, eu não tinha um titular. E aí, quando saiu a relação, eu vim com a camisa 15. Eu falei: “Dancei”. Quando veio a relação, que eu recebi o uniforme, que a gente recebeu o kit todo e tal, não sei o quê. E aí, quando eu vi lá Leda Maria, camisa 15. Então, quando eu fui pra lá, eu já sabia que eu seria cortada, praticamente, eu já sabia. Primeiro, por conta dessa falta de oportunidade que ele me dava pra jogar, que até então, até 1995, eu era titular e a Márcia Tafarel era reserva. Era minha reserva. E aí, depois, para as Olimpíadas, as coisas se inverteram. Quando a gente começou essa preparação pra Atlanta, logo no início, eu tive um problema dentário que me tirou dos campos durante três semanas. E a gente estava começando a preparação. E aí, o que acontece? Ele já monta um time e depois ele não desfaz esse time nunca mais na vida. Então, toda a preparação que eu fiz para as Olimpíadas, eu já fui reserva. Eu nunca fui titular.

F.M. - Eu ia perguntar justamente sobre isso.

L.A. - Eu perdi a vaga por conta disso.

F.M. - Mas você teve algum histórico de lesões também?

²⁶ Comitê Olímpico Brasileiro.

²⁷ José Duarte.

L.A. - Não, não, não.

F.M. - Nunca teve lesão?

L.A. - Não, de sério assim, na minha vida esportiva ou dentro da Seleção? Nunca tive. Só estiramento, entorse de tornozelo, acho que já tive uns quinze. Agora, de cirurgia, nunca tive. Tive um problema no joelho que me tirou dos campos durante três, quatro meses na Portuguesa. Na verdade, me machuquei no futsal e isso impactou no campo. Óbvio que eu jogava os dois. Mas contusão séria na minha vida, nunca tive. E por conta disso, eu perdi espaço dentro do time que eu que era titular. E também mudou a comissão técnica. A comissão técnica do Mundial era uma, e quando veio as Olimpíadas, a preparação foi muito melhor. Mesmo os caras que eu citei sendo muito bons, pelo período de treinamento, não foi suficiente para a gente chegar inteira em condições iguais com as equipes no Mundial. E já as Olimpíadas foram diferentes. Por quê? Porque a gente teve essa preparação por seis meses, a gente teve treinamentos. Teve épocas que a gente treinava três vezes por dia. A gente acordava às seis horas da manhã, ia correr em jejum e voltava, tomava um café, descansava um pouco. Quando dava dez horas, a gente estava no campo, fazendo a parte física. E depois a gente almoçava e descansava. Quando dava três, quatro horas, a gente treinava de novo. A gente só fazia treinar, treinar, treinar. Isso que levou o Brasil quase ganhar a medalha. E eu vivenciei isso tudo, eu vivi a Olimpíada, eu só não disputei. Mas eu penso que, eu fui parte do processo. Isso é legal para mim. Mas eu queria, como eu sou competitiva demais, eu queria estar lá. E por muito tempo da minha vida eu ouvia a música tema, que é da Gloria Estefan e eu chorava, chorava, chorava. Um trauma, uma frustração. Foi difícil o dia que eu ouvi a primeira vez, depois de um tempo, não queria nem ouvir a música, mas a música é linda demais. E depois, quando ouvia e não chorava mais falei: “Acho que curei meu trauma, foi embora”. Mas foi doloroso.

S.G. - Você tem alguma ideia da motivação para o teu corte, já que você estava em ótimas condições?

L.A. - Eu não sei o que aconteceu nessa época, mas eu penso que fui preterida com o apoio do Romeu Castro. Não sei se o envolvimento dele com essa comissão técnica era muito

grande, o envolvimento dele com as jogadoras que eram do time dele, que era o Saad. Você está me entendendo? Eu era do Vasco e tinha uma briga dele com a Helena, eles não se falam até hoje. Porque a Helena, teve uma época que ela estava para ser treinadora da Seleção Brasileira, isso seria histórico, antes de Emily Lima²⁸, isso em 94, 95. E em um desses campeonatos brasileiros, Helena batia de frente mesmo, por quê? Porque elas representavam o Vasco do Eurico Miranda, então ninguém tirava onda com a gente, inclusive a CBF. E aí em um desses campeonatos que foi em Taubaté²⁹, nós não ganhamos... Helena teve uma discussão feia com esses caras. Feia, feia e acho que respingou um pouco na gente. Eu não sei se ele fez isso de propósito, eu quis perguntar isso depois. Mas hoje, ele é um cara que me ajuda. Eu acho que ele ficou um pouco com a consciência pesada e ele me falou depois de um tempão da gente ficar distante, a primeira vez que a gente se reencontrou, ele falou: “Se você estivesse nas Olimpíadas, a gente pegaria uma medalha”. Ano passado eu fiz, como comentarista da SporTV, a Copa Libertadores em Manaus e recebi uma homenagem dentro do campo. E ele falou isso para mim: “Eu fiquei com a consciência pesada, a escolha não seria essa, você sabe disso”. Enfim, a gente já se entendeu. As mágoas já foram resolvidas, mas a marca fica. A mágoa sai, mas a marca fica. E é isso!

S.G. - Qual foi tua última participação na Seleção, Leda?

L.A. - Foi essa aí. Depois disso eu não fui mais convocada. Porque aí você volta é assim: “Por que você foi cortada? Não sei, tem que perguntar aos caras. Me falaram isso, isso e isso, mas não é. Aí você começa a falar”. Então, quando a gente fala, isso acontece até hoje. Quando você fala muito contra o sistema, contra o esquema, contra todo mundo, você é massacrado. E a maneira que eles têm de te calar é te tirar do time. E foi o que aconteceu comigo.

F.M. - Mas você se posicionou dessa forma crítica? Você julga que se não fossem as três semanas por conta do problema dentário, você tinha condição de jogo para estar na Olimpíada?

²⁸ Emily Alves da Cunha Lima.

²⁹ Município de São Paulo.

L.A. - Simples assim. E aí o que acontece? Eu não sei porque o Zé Duarte não me dava oportunidade. Eu não chegava para questionar. Mas muito do que aconteceu, tinha o dedo de uma outra pessoa. E eu ficava triste com isso porque eu treinava tanto. O que aconteceu? Como eu fiquei três semanas sem treinar, quando eu voltei, eu tive que me superar, cada dia, a cada treinamento, eu tive que me esforçar mais, porque eu queria recuperar minha posição. Então, eu sempre fui atrás disso e não consegui. Eu cheguei lá nos Estados Unidos para esse um mês, para treinar. Eu estava voando. Eu corria igual uma louca. Eu me esforçava. Mas eu já sabia que não ia acontecer de eu disputar as Olimpíadas.

S.G. - E quando você volta, você continua jogando no Vasco?

L.A. - Sim, continuo no Vasco. E no ano seguinte vem a Paulistana de 97 e eles fazem um *drafting*. E eu vou emprestada para Portuguesa para disputar esse primeiro campeonato paulista. Era uma coisa que para mim era muito representativa, porque eu não disputei as Olimpíadas, mas meu nome estava lá. Eu era reconhecida como atleta olímpica. Se você pega a relação, meu nome está lá. Eu só não disputei. Então, para mim foi determinante para eu perceber o valor que eu tinha. Mesmo não tendo disputado as Olimpíadas, o fato de eu ter sido convidada para jogar na Portuguesa, na Lusa, foi determinante para levantar a minha moral, a minha autoestima. Porque foi um baque muito grande o fato de eu não ter disputado.

F.M. - Esse episódio chegou a fazer você questionar seu talento?

L.A. - Não! Mas você querendo ou não, inconscientemente, você fica se perguntando. Poxa, eu me esforcei tanto para estar lá. E o que aconteceu? Tinham jogadoras em 96 que eram da minha geração, umas que seria a primeira e única oportunidade de disputar uma Olimpíada. Uma dessas era eu. E tinham outras jogadoras mais novas que teriam outras oportunidades. Então, eu penso que eles não fizeram a escolha correta neste sentido porque tinham jogadoras que poderiam ficar aqui, que teriam outras oportunidades. E tiveram e jogaram em outra edição. E eu não! Eu não joguei naquela e nunca mais fui para a seleção brasileira. Então, querendo ou não, bate uma deprê. Mas não a ponto de eu me questionar

do meu talento, tipo, eu vou parar de jogar bola por conta disso. Nenhum momento passou na minha cabeça, mas o fato de eu ter sido convidada para jogar a Paulistana foi determinante para me dar estímulo um diferente.

F.M. - Ledinha durante a Paulistana você já recebia salário? Como era esse pagamento?

L.A. - Aí sim. Foi o que eu falei. A minha vida dentro do futebol tem esse divisor de águas até a seleção e depois da seleção, porque a gente ganhava pouco na seleção brasileira, a gente não tinha salário. A gente tinha apenas diárias. Você tinha uma diária no Brasil que era em reais, depois você saía era em dólar. Uma porcaria, um valor mínimo possível. Ridículo se você fizer uma comparação com o futebol masculino. Mas é o que a gente conseguia para guardar um pouquinho. Não fiquei rica. Não comprei carro. Mas você vai juntando um pouquinho daqui, um pouquinho dali. Quando eu fui jogar na Portuguesa, foi o maior salário que eu ganhei na minha vida. Jogando na Portuguesa. E ainda por cima eu jogava o futsal na Associação Sabesp. E aquela questão de eu jogar futebol de campo num dia e futsal no outro, se manteve até esse período. No sábado eram disputados os Jogos Paulistano e no domingo eu estava lá no futsal jogando pela Sabesp. Então juntava uma grana com a outra, porque a Sabesp pagava bem também, e consegui fazer um pé de meia legal. Para a época era um salário considerável.

S.G. - Leda, como que foi a decisão de parar de jogar futebol? Como e quando se deu isso?

L.A. - Foi difícil para mim, por quê? Porque não foi uma escolha que eu fiz. Eu percebi que eu não conseguia mais fazer o que eu fazia antes. Eu fui estudar depois que o Vasco terminou em 2000, e a minha história profissional acaba junto com o Vasco exatamente em 2000 quando ele acabou. Não me perguntaram, mas eu vou falar porque que faz parte. O Vasco começou a atrasar muito os salários. E a gente ficava três meses sem receber. Em três meses você tem que pagar suas contas, você tem que sobreviver. E quando eu ia completar mais um mês, o Vasco pagava um mês. Então em três meses a gente recebia um. E aí isso indo, indo, indo. E no último campeonato que disputamos a gente não venceu, perdemos para o Barra³⁰, de Petrópolis que era um time muito bom. E o Vasco termina devendo a gente até as calças, a gente não tinha carteira assinada, não tinha contrato, não

tinha nada. Eu fui a única atleta que entrei com um processo requerendo os meus direitos. O processo durou dez anos. Dez anos! Eu pensei: eu vou entrar com esse processo e recolhi tudo, recorte de jornal, extrato bancário, tudo que eu podia, para comprovar a minha situação e entrei com uma ação civil que, depois passou para trabalhista e foi quando eu ganhei. Esqueci o processo. Enfim, quando o Vasco acaba, eu fui estudar, fazer a faculdade. Já deu para mim.

F.M. - Esse clique foi durante o jogo? Você olhar as outras atletas ou em casa? Depois você chegou muito quebrada. Como é que foi isso?

L.A. - Foi quando eu fui fazer faculdade e fui jogar futsal e era bolsista. Acabou o Vasco, eu parei de jogar profissionalmente. Eu falei, agora eu tenho que fazer alguma coisa para ganhar dinheiro porque a minha fonte secou. Pensei que a Educação Física seria o caminho mais fácil para mim. E realmente foi, porque muito do que eu estudei foi que eu vivi dentro do campo. Em tudo, na parte fisiológica, na parte anatômica. O que eu fazia, eu gostava muito porque eu era atleta. Muitas amigas minhas falavam: “Caraca, você é atleta. Eu sou jogadora de futebol. Você é atleta.” Eu gostava muito. Eu chegava perto do meu preparador físico e dizia: “O que é isso?” Eu queria saber, isso me fascinava, a parte física me fascinava. Então, eu achei que a Educação Física seria legal e realmente foi. Foi muito bom para mim. E eu jogava, era bolsista e depois de me formar joguei mais dois anos. Eu joguei na faculdade, fiz a faculdade de 2001 a 2004. Foi quando eu me formei na Universidade Castelo Branco. Tinha muita gente boa, inclusive um dos meus preparadores físicos hoje é administrador da Seleção Brasileira, Miguel Ernesto, formado na Castelo. E aí eu fui em um JUBS³¹, participei de dois na minha vida, e quando eu fui, a gente ficou em quarto lugar. A gente não pegou nem pódio. No primeiro que eu fui com a Castelo eu peguei pódio, ficamos em terceiro lugar. No último eu já não tinha mais o mesmo desempenho, eu já tinha quarenta e tantos anos, enfim.

F.M. - E as demais atletas do time?

L.A. - Eram mais novas, eu era a mais velha. Mesmo assim, eu era a capitã, na faculdade

³⁰ Nome sujeito a confirmação.

³¹ Jogos Universitários Brasileiros.

eu sempre fui capitã. Eu já não tinha mais condição de fazer um treinamento adequado, eu não tinha condição de fazer uma musculação... A gente treinava duas vezes por semana, era muito pouco e eu você já vai ficando com uma certa idade. O teu corpo já não responde mais. Eu fui mesmo só para ajudar, nem pensei que fosse ser titular em nada. E quando eu volto, percebi que já tinha dado para mim. Mas não foi uma escolha, tipo, olha, eu estou indo para esse campeonato e vai ser o último da minha vida.

S.G. - Aconteceu.

L.A. - Inconscientemente, eu já sabia que talvez fosse. Então, isso amadureceu muito rápido. Foi uma coisa de momento, de você perceber que não dava mais. É difícil isso para o atleta. É difícil você ver aquela sua paixão, aquela coisa que te movia, porque isso sempre me moveu na vida... O fato de jogar bola, de você estar ali, de você ser competitivo. De vivenciar as concentrações, o dia a dia, isso me movia. E você ver que você já não consegue mais estar dentro desse ambiente, que ele não faz mais parte de você, é doloroso. E foi quando eu voltei da viagem, que foi para o Recife, fomos de ônibus, eu falei para o pessoal: “Gente, está sendo a minha última”. Foi até meio que um choque para elas eu dizer que estava sendo a minha última competição. A gente ganhou um certificado de participação e eu tenho esse certificado com a assinatura de todas elas.

S.G. - Que bonito, ter e guardar esse certificado. Leda, quando você deixou de jogar, você continuou envolvida com o futebol? Como foi esse processo?

L.A. - Eu achei que quando eu terminasse de jogar, eu poderia ser uma professora de Educação Física e realmente fui. Sendo que eu não sentia muito prazer. Eu acho que eu não tenho talento para ser professora de Educação Física. Tenho competência! Talento é uma coisa e competência é outra. Eu tive talento para jogar futebol, agora vivenciar essa prática de ser professora, eu não tinha muito prazer nisso.

F.M. - Você foi trabalhar em escola?

L.A. - Na escola eu nunca trabalhei, mas trabalhei em projetos e em academias, trabalhei

embarcada durante oito meses, na bacia de Macaé³², na plataforma de petróleo. Isso foi engrandecedor demais na minha vida, você ficar catorze dias em alto-mar. Você acorda e dorme olhando pra aquela imensidão toda, aquilo é uma coisa de louco, é muito legal. E nessa plataforma eu era *personal*, dava ginástica laboral, dava hidrogenástica, fazia a parte recreativa de eventos, essas coisas todas, era um envolvimento muito grande. Mas era difícil porque eram cinco mulheres e duzentos homens. Um ambiente prioritariamente masculino. E você ter uma mulher como *personal* eles olham pra você com outros olhos. Então você tem que mostrar competência todos os dias. Quando eu cheguei lá, eu fui fazer a ginástica laboral, e as pessoas não gostam de fazer atividade física, são poucas que gostam de fazer. E nesse ambiente, são poucas pessoas que gostam de fazer atividade física. Então até você demonstrar o seu valor, até você ser respeitada, é uma questão da mulher, você tem que estar sempre provando algo mais, você tem que estar sempre batendo de frente, você tem que estar sempre tendo que provar todo dia que você é capaz de estar ali. Enfim, é bem louco.

S.G. - Leda, eu queria saber um pouco sobre a sua experiência como comentarista de televisão. Como se deu isso?

L.A. - Você me perguntou o que eu fui fazer depois de parar de jogar bola. E aí o que acontece? Eu começo a entrar na Educação Física. Não me dava prazer. E quando chegou em 2010, a Meg já era comentarista da SporTV me disse que eles estavam querendo colocar uma outra pessoa pra fazer os comentários com ela. A Meg me chamou, por conta de eu ter essa facilidade para falar, por conta de eu ter sido formada, enfim, ela achava que eu era a pessoa para estar substituindo ela. Porque, na verdade, a Meg estava se aposentando no Rio de Janeiro e ia morar na Bahia. Então ela passou o bastão para mim. E você chega num ambiente completamente diferente de tudo que eu vivenciei na minha vida, das minhas práticas de trabalho. Óbvio, você está trabalhando com futebol, mas nessa época, depois que eu parei de jogar pela faculdade, eu comecei a ter contato com a Educação Física. Eu não queria mais saber de futebol, eu quis mais ler sobre futebol.

F.M. - Mas as pessoas sabiam que você era você?

³² Município do Rio de Janeiro.

L.A. - Sim, sempre souberam. Sempre, na faculdade, nos locais que eu trabalhei. Sempre souberam que eu era a Leda a ex-atleta da seleção brasileira. Sempre souberam. E eu fui para a SporTV. Antes eu dizia que eu tinha caído lá de paraquedas. Mas depois eu entendi que realmente eu tinha competência para fazer isso, eu entendi isso. Porque no início eu não achava que tinha competência. Eu não acreditava que eu seria capaz de fazer isso. Foi assustador. Quando ela me ligou, ela me disse que não era um bicho de sete cabeças. Mas a Meg sempre foi muito articulada, sempre falou muito bem. A gente chamava ela de vereadora, porque ela sempre tomava partido de tudo. Era uma característica dela. E eu não me via com as características dela para assumir esse posto. Enfim, cheguei eu lá. Tremi na base.

F.M. - Qual foi o primeiro jogo que você comentou?

L.A. - Foi o Mundial Sub-20, foi do Brasil que foi super mal no Mundial. Foi difícil porque você ter contato com uma coisa que você nunca viu... Aí você chega lá, não me treinaram para nada e você tem que falar assim, tem que falar assado... Você tem que olhar a câmera, olhar a luz, olha no outro monitor... No começo eu fiquei só de voz, só comentando sem aparecer. E você tem que estudar o jogo e eu estudava muito. Aí a Meg me passou umas dicas que eu levo para minha vida inteira. Se eu ainda continuar fazendo comentários, eu ainda vou fazer isso. Ela fazia um campinho, montava ali, como se você estivesse fazendo uma escalação, o esquema tático das jogadoras. E aquilo para mim, era a minha base dentro do jogo, fora o que a gente tem que estudar nas equipes. Enfim, é completamente diferente. Mas não. Por quê? Porque o que eu tinha que perceber do jogo, era o que eu vivenciei lá dentro. Você está numa telinha e normalmente se mostra a sua bola. Às vezes a câmera se distancia um pouco e você consegue ver o sistema tático. Enfim, é uma coisa meio louca, porque é ao vivo, aí você tem medo de falar alguma coisa que não seja convincente, que você não esteja vendo. E a minha preocupação era essa quando eu saía dos jogos. Será que eu consegui passar verdade? Será que eu consegui passear aquilo que eu estou vendo? Será que aquilo é o que as pessoas entenderam? Enfim, fui ficando, a Meg saiu em 2012, ela foi a principal comentarista das Olimpíadas e eu fiz alguns jogos. Ela ficou com os jogos do Brasil. Depois disso a Meg saiu e eu fiquei eu

fiquei até o ano passado, ainda fiz alguns jogos ano passado, em 2018. E foi isso, eu nunca imaginei que eu pudesse ser comentarista. E era a Leda, ex-atleta da Seleção Brasileira.

S.G. - Eu gostaria te fazer outra pergunta. E a Leda torcedora flamenguista, como se constituiu essa aguerrida torcedora?

L.A. - Na verdade não nasci flamenguista. Eu nasci tricolor e aprendi com meu pai que era tricolor. Ele me levava para os estádios e a gente levava bandeira, pó de arroz, levava tudo. E eu tinha uma vizinha, tinha não, tenho ainda porque ela ainda é viva. E eu não saía de dentro da casa dela, eu e toda molecada... Durante o dia a gente brincava na rua, jogava futebol, eu devia ter uns 13, 14 anos e à noite a gente ia para casa dela, jogar dominó, buraco. E ela é flamenguista roxa, doente, a família inteira era, todo mundo. E aí meu tricolor... Eu não saía da casa dela, ia no Maracanã ver o jogo do Flamengo³³, daí minha amiga... Não tem como você não mudar de equipe. Não tem como você não mudar de time. E eu falo isso com o maior orgulho da vida. Graças a Deus ela me apresentou o Maracanã, que é diferente quando tem Flamengo. Cara, brincadeira, aquela torcida. Eu tenho uma amiga que era vascaína até 30 anos de idade. A pessoa foi vascaína a vida inteira. Ela foi no Maracanã e virou a casaca, e hoje é doente. Como pode isso com 30 anos? Eu era nova, pelo menos. E de lá para cá, a paixão é até hoje. Eu acho que eu realmente tinha que ser flamenguista, porque aquela coisa de raça, de vontade, de determinação, é muito o que o Flamengo é dentro do campo. O que a torcida é, apaixonada, doente sou assim até hoje.

S.G. - Ledinha, tem alguma coisa que você queira falar que a gente não te perguntou? Alguma coisa que queira dizer às novas gerações, a estas meninas que querem jogar futebol e sonham com a seleção?

L.A. - Eu digo que hoje em dia elas estão no paraíso. Com toda dificuldade que elas têm, elas estão no paraíso. Principalmente em termos de seleção brasileira. Mas o talento é bem diferente. A gente tem que buscar esse talento. E eu penso que a gente tem que ter treinadores para isso. A gente tem que ter pessoas que tenham vivenciado essa prática para buscar esses talentos. E que as dificuldades, elas são grandes. Ainda em termos de preconceito, eu acho que não vai mudar. Mas que se tem um sonho... Hoje se pode sonhar

ser uma jogadora de futebol. Na minha época, não. Eu diria para não desistir diante das dificuldades que vão aparecer no caminho, pelo simples fato de ser uma mulher que vai querer jogar futebol e já ter essa dificuldade. Então, não desistir realmente do sonho de ser uma jogadora de futebol. A gente tem várias jogadoras jogando inclusive no exterior e as meninas hoje, elas têm referências. Na minha época não tinha referência. Então e diria a estas meninas que elas podem, sim, ser jogadora de futebol profissional. É isso.

S.G. - Muito obrigada, Leda por nos conceder essa entrevista.

F.M. - Eu quero agradecer também. Foi fantástico.

[FINAL DA ENTREVISTA]

³³ Clube de Regatas Flamengo.